Ano XI — Lisboa, Novembro de 1955 — N.º 127

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. de Vitorino de Freitas, 9 AJUDA — LISBOA
TELEFONES: Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

ESCOLA DO EXEMPLO



O Escotismo é uma escola do exemplo. De resto, toda a acção educativa assenta fundamentalmente no exemplo. O mestre é sempre o paradigma do discípulo. Os grandes mestres fazem os bons alunos. É o seu saber, o seu aprumo, o seu devotado amor ao estudo que inspira as vidas dos jovens educandos e os leva a aspirar subir também às culminâncias da sabedoria. No Escotismo, o exemplo tem, porém, uma importância ainda mais saliente, visto que, desde o mais alto chefe até ao mais novo guia, desde o caminheiro mais experimentado ao escoteiro mais moderno, todos têm como indeclinável dever dar bom exemplo ao camarada mais novo, àquele mesmo que acaba de prometer solenemente abraçar os altos ideais dos cavaleiros da flor de lis.

O Escotismo é um Movimento cujos métodos de acção o tornam totalmente diferente de qualquer outro organismo, ainda mesmo que seja de juventude e use processos idênticos aos seus. O escotismo não é uma mera associação. Esta existe apenas para facilitar a vida dos grupos, porque acima de tudo o Escotismo é uma Ordem de Cavalaria, com a sua Lei, a sua Investidura, a sua Promessa, o seu elevado conceito de Honra, o seu Ideal. Foi esta a orientação apontada pelo Fundador que proclamava aos rapazes: — «*Sede semelhantes aos antigos cavaleiros e a seus sucessores, não perdendo nunca de vista a vossa honra*». É este o espírito que deve presidir a toda a actividade de um grupo de escoteiros.



Para o conseguir, é indispensável que o Chefe tenha uma elevada noção do seu dever. Se todos os escoteiros devem constituir bons exemplos para os mais novos, ao Dirigente cabe ainda maior responsabilidade pela natureza do seu cargo. Ele tem de ser o primeiro no cumprimento do Dever, aquele para quem a honra é o mais sagrado depósito; o que confia na palavra do escoteiro. É isto que Pelegrin, do Escotismo Francês, aconselha quando recomenda: — *Tomai o Escotismo a sério!*. Sim o Chefe tem de tomar o escotismo a sério, até mesmo naquilo que possa parecer directamente destinado e apropriado às idades juvenis. Ele tem de ser o primeiro escoteiro — o grande escoteiro! Quando o rapaz estende o seu braço sobre a bandeira da pátria e sentidamente formula o compromisso de honra, o chefe deve repetir com toda a sinceridade cada artigo da promessa como se ele próprio a tivesse de prestar. Só assim o escoteiro poderá olhar com confiança o

(Conclui na 2.ª página)

PORTUGAL E INGLATERRA

A recente visita do Chefe do Estado Português a Inglaterra veio reavivar os sentimentos de Paz e Solidariedade que unem as duas Nações. «Sempre Pronto» *rejubila com o facto porque lhe é muito grato ver estreitarem-se mais os laços de profunda amizade que unem Portugal e a Inglaterra, a Pátria de Baden-Powell, esse homem genial a quem devemos o bem inestimável do Escotismo.*

Nesta hora de justificada euforia, não queremos deixar de recordar, com desvanecimento, que Sua Majestade, a Rainha Isabel II, envergou, outrora, o uniforme do nosso Movimento, servindo-o com a mesma dedicação e dignidade com que hoje cumpre os seus deveres de Chefe de Estado da gloriosa Comunidade Britânica.

«Sempre Pronto» *apresenta as suas respeitosas felicitações ao sr. General Craveiro Lopes, pelo êxito da sua viagem, ao mesmo tempo que saúda o admirável Povo Britânico na figura de Sua Majestade a Rainha pelas inúmeras e inequívocas provas de afecto que sempre dispensaram ao nosso Portugal.*

● O ●

O X aniversário da REVISTA «ALERTA!»

O órgão oficial da União dos Escoteiros do Brasil, a revista "Alerta!„ tão conhecida e apreciada entre os escoteiros portugueses, com o seu número de Maio-Junho último, entrou no 10.º ano de publicação.

Nós, que trabalhamos nas mesmas lides podemos avaliar bem o que este facto representa de dedicação, esforço e tenacidade a favor de uma causa que se ama porque se lhe conhecem os benefícios.

Através de cada novo número de «Alerta!» sente-se palpitar o esforço dos seus dirigentes para que ela preencha no Escotismo do Brasil o papel de orientadora e inspiradora da actividade escotista. Em grande medida tem conseguido já essa finalidade. Por esse facto, felicitamos na pessoa do seu Director, o nosso amigo Chefe João Fernandes Brito, todos os que trabalham e têm trabalhado naquele nosso colega, desejando-lhe novos êxitos e conquistas no desempenho da sua missão. Com estes votos vão as mais fraternas saudações dos que trabalham no "Sempre Pronto„.

ESCOLA DO EXEMPLO

(Conclusão da 1.ª página)

seu Chefe, ver nele o modelo das virtudes enunciadas—o Cavaleiro—aquele que vive o ideal em toda a sua grandeza.

O êxito da educação escoteira depende inteiramente do exemplo do Chefe. Será ele o modelo dos guias de patrulha. O Guia tem os olhos postos no seu Chefe, e no comando da patrulha seguirá o seu exemplo. Por isso, com maus chefes não poderá haver bons guias e estes são a chave do sistema de patrulhas, fundamento do Escotismo. Baden-Powell dizia que o *sucesso do treino do rapaz depende sobretudo e essencialmente do próprio exemplo pessoal do Chefe*, e nós sabemos por experiência que esta opinião está inteiramente confirmada. É inútil ou, melhor, é nocivo que o dirigente procure conduzir rapazes pela senda escoteira e na vida particular ignore os princípios básicos da Promessa e da Lei. O rapaz é mais observador que o adulto e não se deixa fàcilmente enganar. Já B.-P. prevenia *que os rapazes são bastantes perspicazes para perceberem e notarem os mínimos pormenores do carácter do Chefe, quer sejam eles qualidades ou defeitos.* O chefe que exige dos escoteiros o cumprimento da Lei e a ignora na sua vida, por mais que procure ocultar o seu procedimento, por mais habilidade que ponha em iludir o seu dever ou mascarar as suas faltas, depressa será descoberto, tido como impostor e vítima do ridículo. Pior, porém, é que os rapazes não acreditarão mais na sinceridade dos princípios tão solenemente afirmados, o escotismo praticado em tais grupos não terá alma, será uma ficção.

E não tente o Chefe, para comodidade sua, fazer um Escotismo corrente, fácil, de padrão vulgar. Isso seria uma caricatura de escotismo, uma obra inútil, superada por qualquer outra organização. O Escotismo—ouvimos constantemente proclamar—não suporta a mediocridade, é um movimento de escol. Todos afirmamos enfàticamente, para justificar a magreza dos nossos efectivos, que nos não interessa a quantidade, mas sim a qualidade. Se assim é, temos forçosamente de honrar a nossa afirmação exigindo um aprimorado padrão escoteiro, aplicando-o na nossa vida, numa integral obediência aos princípios formulados no Compromisso de Honra. O Escoteiro-Chefe que apresenta um grupo constituído por rapazes que não «sentem» o ideal e não «vivem» a fraternidade escoteira, atesta o fracasso da sua missão, a sua falência como Dirigente.

O rapaz é idealista por natureza. Este ideal de uma ordem de cavalaria é muito agradável ao seu espírito e ele aprecia a exigência de um padrão moral. Temos de os conduzir por este caminho para que alcancem um ideal elevado, porque o ideal é o grande impulsionador da vida, a força capaz de transformar um rapaz simples num grande e operoso cidadão da sua terra.

Neste «Grande Jogo Escoteiro» todos participamos voluntàriamente e todos desejamos alcançar êxito, sair vencedores. Mas há regras a cumprir e todo o escoteiro se sente desonrado se ilude as regras do jogo ou procura vencer usando artimanhas ou embustes.

As regras fundamentais deste «Grande Jogo» são os artigos da Promessa e da Lei. Se somos Escoteiros, devemos cumpri-los. Mas se não as queremos cumprir, se acaso as não podemos cumprir, então sejamos ao menos coerentes: Somos voluntários, dispamos o nosso uniforme, arranquemos da lapela a flor de lis e deixemos o nosso lugar a outros mais qualificados. É preferível isso a termos de escutar no silêncio da nossa consciência uma voz acusadora segredar-nos impiedosamente:—«Tu és hipócrita!».

Os escoteiros colaboraram no ataque ao fogo da Praça da Alegria

A propósito da entrevista com o escoteiro José Francisco Próspero, que publicámos no último número, escreve-nos o Chefe Administrativo do Grupo n.º 79 a lamentar que o entrevistado tivesse apenas citado o trabalho de três escoteiros do grupo 7, quando, segundo afirma, estiveram alí colaborando nos trabalhos que lhe foram pedidos dois escoteiros e o chefe daquele grupo, bem como um escoteiro do Grupo n.º 13.

Feito este esclarecimento, ficamos portanto sabendo que foram sete os escoteiros que colaboraram com os bombeiros no referido incêndio, cujos serviços foram úteis e demonstraram o desejo de estar *sempre pronto para servir.*

Ao chefe administrativo do grupo n.º 79 agradecemos o esclarecimento.

Dar uma responsabilidade aos rapazes é a chave do sucesso. A razão de ser do sistema de patrulhas reside, sobretudo, no facto de que o chefe dará uma verdeira responsabilidade a tantos rapazes quanto possível tendo em vista desenvolver o seu carácter.—B.-P.

ANTIGOS ESCOTEIROS

Almoço de Confraternização do Grupo N.º 2

A Comissão de Antigos Escoteiros do Grupo n.º 2, que está organizando este almoço, prossegue activamente nos trabalhos preparatórios e procurando que a esta reunião compareça o maior número possível de antigos membros do antigo "Dois„, um dos três grupos fundadores da A. E. P.

Como possìvelmente haverá antigos escoteiros que terão dificuldade no pagamento da inscrição, está-se procurando facilitar o pagamento. Para isso, deverão os interessados dirigir-se imediatamente ao Presidente da Comissão, sr. Eduardo Quintino, Rua da Prata, n.º 141-2.º em Lisboa, telefone 36737.

No próximo número do «S. P.» indicaremos o local e o dia em que o almoço se realizará. Entretanto, continuamos a pedir aos antigos escoteiros deste grupo ausentes de Lisboa para enviarem as suas mensagens para a morada acima, a fim de serem lidas naquela reunião.

Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal

Em Junho passado, a Direcção da Fraternal fez saber que estava organizando os seus serviços de forma a poder realizar em 4 de Setembro seguinte a Assembleia Geral respectiva. Esta notícia interessou vivamente os Antigos Escoteiros, muitos dos quais são dos mais dedicados assinantes do "Sempre Pronto», que aguardaram a anunciada reunião.

Contudo, Setembro já passou e não voltou a haver notícias da Direcção da Fraternal. Alguns antigos escoteiros escrevem-nos a pedir notícias sobre o assunto, pelo que pedimos àquela Direcção para nos esclarecer sobre os seus projectos. E, se nos permitem mais, queremos fazer um apelo sincero para que a mesma Direcção resolva definitivamente a situação deste organismo dos Antigos-Escoteiros. Estamos certos que muitos antigos escoteiros nos acompanham neste apelo.

Manuel Ferreira

Regressou de Timor, onde se encontrava há 9 anos em serviço do Ministério do Ultramar, este nosso bom amigo, acompanhado de Esposa e Filha, em gozo de umas merecidas férias.

Manuel Ferreira, que foi escoteiro do grupo n.º 13, é um escritor contista muito apreciado, cuja colaboração no "Sempre Pronto„ despertou sempre muito interesse aos nossos leitores.

PUBLICAÇÕES

Normas Científicas da Alimentação

A Liga Portuguesa de Profilaxia Social, de cooperação com a delegação no Porto da Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias, publicou a conferência que o sr. dr. Ludgero Lopes Parreira proferiu em 30 de Outubro de 1954 naquela cidade.

Trata-se de um trabalho profundo sobre os problemas da alimentação nos aspectos físico, psicológico e social, demorando-se o ilustre cientista na apreciação do valor dos alimentos, sugerindo soluções para satisfazer a necessidade de uma nutrição equilibrada.

Muito importante—e para este assunto chamamos a atenção dos Escoteiros-Chefes e dos Educadores—a referência feita ao hábito da pequenada comprar guloseimas nas ruas. Diz o sr. dr. Lopes Parreira: «*Um vício há da nutrição a que urge pôr cobro, com a agravante de se impor como tentação às crianças nas ruas das cidades e das praias. Refiro-me às guloseimas, de ínfimo valor nutritivo e a cujo fabrico preside muito duvidosa higiene. Os sorvetes podem mesmo acarretar consequências funestas*».

O conferencista refere-se àinda aos problemas do leite, do pão, do peixe, da carne, pelo que esta obra merece ser lida com muita atenção por todos aqueles que se interessam pela higiene e pela nutrição.

PELOS GRUPOS

Grupo Pedro Álvares Cabral — Lisboa

No Domingo, dia 22 de Setembro, este grupo viveu mais um importante dia da sua curta história. No templo da Igreja Evangélica da Rua Febo Moniz, a que está anexo, realizou-se um serviço religioso especial, a que presidiu o Rev. Herbert Meza. Durante este culto, ratificou o compromisso de honra e tomou posse de Chefe deste Grupo o sr. Idílio Gonçalves, posse que lhe foi dada pelo sr. Capitolino de Macedo, chefe do grupo 94.

O grupo recebeu também o seu estandarte. O sr. Feliciano Negreiros, grande amigo desta unidade e seu actual tesoureiro, quis presentear o grupo com a bandeira. Entregou-a por isso ao Rev. Meza fazendo votos para que ela representasse sempre os altos ideais do grupo «Pedro Álvares Cabral» e afirmou a sua grande alegria por poder fazer esta oferta. O Rev. Meza, evocando a gloriosa figura de D. Duarte de Almeida, O Decepado, lembrou aos escoteiros o dever de honrarem sempre aquele símbolo, e pediu a bênção de Deus para a bandeira que acabava de colocar no mastro.

As fileiras do Grupo receberam, nesta ocasião, um bom reforço. Prestaram promessa quatro novos escoteiros: Fernando Vieira Graça e os irmãos Agostinho João e António Estêvão e José Carlos Matos Jardim.

Antes disso, porém, o director do nosso jornal dirigiu a palavra aos aspirantes lembrando-lhes que iam entrar no «grande jogo». Mas que este jogo alegre tinha regras precisas, que todos os escoteiros prometiam cumprir. Eles teriam de entrar no jogo de sua inteira vontade, comprometer-se-iam a lutar para saírem vencedores—o Escoteiro tem de vencer—, mas não o pode fazer sem cumprir as regras que constituem a Lei de Escoteiro. Era essa a promessa que iriam fazer, e que foi tomada pelo chefe Idílio Gonçalves.

Prestou também compromisso de honra como Guia de Portugal e tomou posse de Chefe de Alcateia a sr.ª D. Susana de Brito, tendo feito o interrogatório a Chefe D. Júlia Pena Ribeiro. A nova Chefe declarou:

Prometo por minha honra fazer todo a possível por ser fiel ao meu Salvador e meu Chefe Jesus Cristo, servir todas as boas causas e orientar a minha vida de harmonia com os princípios do Evangelho.

Prometo por minha honra interessar-me constantemente pelo Lobitos da minha Alcateia, procurando contribuír com o meu exemplo e com o meu esforço para que eles sejam bons servos de Deus, bons Portugueses e bons Escoteiros.

Prometo por minha honra ser fiel à Lei das Guias de Portugal, ao Movimento em geral e à Igreja onde vou servir.

O Rev. Meza dirigiu a palavra aos novos escoteiros e chefes e terminou invocando a bênção de Deus para as suas vidas.

O sermão foi proferido pelo pastor sr. José Luís Carreiro, que comentando o conselho do apóstolo S. Paulo a Timóteo—*Sê o exemplo dos fiéis na palavra, no trato, na caridade, no espírito, na fé, na pureza*—afirmou ser um grande privilégio para um jovem poder pertencer ao movimento escoteiro e escolher um ideal para a sua vida, orientando-a por um padrão elevado e cristão, mensagem que foi escutada com muito interesse pelos pais dos escoteiros presentes.

Terminado o serviço religioso, os escoteiros e amigos reuniram-se na sede do grupo, onde se realizou uma singela festa escotista com canções, em que tomaram parte os grupos 10, 94 e Guias do grupo «Rainha D. Leonor». Na mesma sessão prestaram Promessa os novos seis lobitos da Alcateia que se inaugurava. A chefe D. Susana de Brito dirigiu a palavra aos lobitos, que mostraram já estar conhecedores da história do Menino-Lobo e das leis da selva.

A estes actos assistiram deputações do grupos 10, 53, 94, lobitos da Alcateia do Grupo 10 e sua chefe, e guias do grupo «Rainha D. Leonor» e sua chefe.

Grupo n.º 94

No Domingo, dia 30 de Outubro, na sede, este grupo promoveu uma festa escotista que serviu de oportunidade para que quatro novos escoteiros fizessem a sua promessa. O Chefe Macedo dirigiu-lhes a palavra, depois do que eles comovidamente fizeram o seu compromisso. Os novos escoteiros são o José Leandro, Belmiro Vieira Martins, José Carlos e Manuel Parente.

A já famosa fanfarra do 94 abriu a parte recreativa com duas marchas e os escoteiros apresentaram três engraçados diálogos, poesias, um quarteto vocal e ilusionismo.

A esta festa assistiram muitos rapazes do bairro da Ajuda, que se mostraram entusiasmados em ingressar também no 94.

O Grupo «Pedro Álvares Cabral» assistiu e colaborou na festa.

Grupo n.º 10—Lisboa

O Caminheiro José Relvas partiu para a Índia

No sábado, dia 22 de Outubro passado, na sede do Grupo havia um ambiente fora do usual. Tinham-se reunido ali os escoteiros do 10, as guias do grupo «Rainha D. Leonor», jovens da União da Juventude Presbiteriana, e ainda o chefe do Grupo 94 e o Caminheiro do mesmo grupo Mariano Inácio, bem como o Rev. Dr. Manuel Conceição Jr., presidente do 10; sua Esposa D. Aida Conceição, presidente do Grupo de Guias, e Eduardo Ribeiro da direcção do grupo 10. Estavam também presentes a Mãe, a Irmã e Prima do Caminheiro José Relvas.

Destinava-se aquela reunião a apresentar as despedidas a este Caminheiro, que no dia 24 embarcava para a Índia no cumprimento de deveres militares. Todos sentiam o seu afastamento, visto que o Relvas é um dos mais dedicados membros do «10», óptimo carácter, merecendo de todos a mais viva simpatia, que expressaram em palavras sinceras e amigas. Todos foram unânimes em louvar o espírito franco e jovial do homenageado, tendo o chefe Samuel Vieira lido uma ordem de serviço que lhe conferia a medalha de Dedicação e Bons Serviços, classe cobre, que o Rev. Dr. Conceição Jr. lhe colocou no peito, perante uma quente ovação de todos os presentes.

A guia mais nova do Grupo «Rainha D. Leonor» entregou ao José Relvas uma lapiseira como lembrança das guias. Discursaram o chefe do grupo, o presidente Rev. Dr. Conceição Jr., o chefe Capitolino Macedo, o presidente do Grupo de juventude, sr. João Neto, e o director do nosso jornal sr. Ribeiro, afirmando que se tratava apenas de uma nova experiência para o José Relvas, que partia no cumprimento do dever e brevemente estaria de regresso para alegria de todos.

Foi servido um chá e, como o ambiente era um pouco pesado, foi o Relvas quem animou a reunião recitando alguns engraçados monólogos, que provocaram fortes gargalhadas, prova do bom espírito escoteiro deste nosso amigo a quem desejamos muitas felicidades no seu novo posto de serviço.

* * *

António Joaquim Mendes

No mesmo barco, partiu também para a Índia o jovem António Joaquim Mendes, amigo do Grupo 10 e nosso dedicado assinante. Desejamos-lhe igualmente muitas felicidades.

Grupo n.º 84—Entroncamento

Em 2 de Outubro passado, o Grupo n.º 84 deslocou-se a Santa Margarida para assistir à parada militar que aí se realizou. Quando da sua passagem, o sr. Presidente da República retribuiu a saudação que o grupo, em formatura, lhe prestou.

Antes da parada, os escoteiros visitaram diversas e importantes instalações militares.—C.

DOS AÇORES

Grupo n.º 52—Angra do Heroismo

Para encerramento do período campista de verão, realizou-se de 10 a 13 de Setembro um acampamento no Caminho de Santo António de Baixo, no extremo do Monte Brasil (Angra), organizado pelo Grupo n.º 52.

Nesse acampamento, que teve lugar desde o sábado 10 à terça-feira 13, e foi orientado pelo caminheiro Leopoldino Tavares, distinguiram-se os escoteiros Carlos Henrique Tavares e Ludgero Moreira, tendo os restantes elementos mostrado bom aproveitamento.

CURIOSIDADES

PAR OU ÍMPAR?

Pedí a um amigo que feche um número par de moedas, feijões ou outros objectos semelhantes, numa das mãos, e um número ímpar na outra mão. Dizei lhe para multiplicar normalmente o número que tem na mão direita por 7, e o que tem na esquerda por 6, adicionar os produtos e dizer-vos a soma. Se esta for um número ímpar, o número ímpar está na mão direita; se a soma for par, é o número par que está na mão direita.

De *Raio de Sol*

Culinária Campista

Pastéis de arroz—O arroz depois de bem cozido, é esmagado cuidadosamente e temperado de pimenta, salsa picada, 2 ovos inteiros e uma pouca de farinha que enxugue a massa. Depois de tudo bem misturado, moldam-se os pastéis desta massa numa colher, fritando-se a seguir em azeite fervente.

Podem ser servidos acompanhados de salada.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

E. E. REYNOLDS FALA SOBRE:

O SISTEMA DE PATRULHAS

«Sempre Pronto» tem sempre pugnado pelo regresso ao Escotismo genuíno de B.-P., como a forma mais eficaz de prover à educação da juventude. Desta directriz tem procurado não se afastar e é neste propósito que vai publicar, numa série de artigos, pequenas legendas de autorizadas figuras do Escotismo Mundial, as quais serão acompanhadas de um pequeno comentário elucidativo.

Esperamos que este empreendimento contribua para um mais perfeito conhecimento do Escotismo no nosso País.

1.º Se um grupo não é conduzido segundo o sistema de patrulhas, não é um grupo de escoteiros.

Há princípios-base que dão carácter às organizações. O Escotismo não foge a esta regra. O seu sistema assenta na divisão dos rapazes de um grupo de escoteiros em células de 7 ou 8, chamadas patrulhas, com estrutura definida e vida estável, responsabilizando um desses rapazes pela direcção da patrulha.

Segundo B.-P., este sistema é a chave do êxito do escotismo, pela emulação que desperta nos rapazes gerando neles o espírito de equipa, o que permite ao escoteiro ver projectado no pequeno meio onde exerce a sua acção o resultado do seu esforço, do seu entusiasmo, da sua vontade.

E. E. Reynolds, como vemos acima, não dá menor relevo ao valor do sistema de patrulhas, afirmando que um grupo de escoteiros, alheado deste sistema, pode ser excelente em muitas outras coisas, estar cheio de escoteiros com a primeira classe, mas não será, todavia, um verdadeiro grupo de escoteiros.

Em Portugal, tem-se negligenciado bastante este princípio básico do nosso Movimento, quer ignorando-o, quer praticando-o imperfeitamente. Contudo, o aviso de Reynolds é claro e preciso: sem sistema de patrulhas não há escotismo.

Estará o meu grupo a fazer o verdadeiro escotismo? eis uma pergunta que se impõe os chefes façam à sua própria consciência.

2.º Nenhum outro aspecto do escotismo é tão difícil de compreender ou de ser aplicado pràticamente como o sistema de patrulhas.

Eis um facto que compromete, por vezes, o trabalho de um grupo: o chefe não se apercebe do valor da aplicação do sistema de patrulhas. Reynolds explica a razão, afirmando que, normalmente, não é este o processo usado para educar, e continua: «Naturalmente pensamos nos métodos tradicionais (instrução em massa por aula, prática colectiva e assim por diante) como sendo os melhores».

É vantajoso verificar que muitos hábitos fortemente arreigados na nossa forma de proceder não têm o necessário «agrément» científico. Pertence a esta categoria a tendência para a instrução em massa, tendência contrariada na concepção de B.-P. pela divisão de um todo, que é o grupo de escoteiros, em pequenos núcleos, as patrulhas, onde a acção educativa do dirigente se faz sentir de forma mais directa e pessoal sobre o educando, vincando-lhe o carácter, moldando-lhe a personalidade, estimulando-lhe a iniciativa.

É certo que o chefe-escoteiro experimentará dificuldades em pôr em prática o sistema; contudo, apreendido este e aplicado, mostrará toda a facilidade da sua execução e toda a riqueza dos resultados, porque se revelará como um método eficaz e natural de educação do indivíduo.

3.º Muitos chefes têm falhado em fazer pleno uso do sistema de patrulhas.

Falhar é o resultado mais angustiante para quem procura realizar qualquer coisa. Pode-se falhar nas mais diversas actividades, desde o vulgar tiro-ao-alvo até ao jogo arriscado e perigoso que é a vida.

Também o escoteiro-chefe pode falhar na sua específica missão. E são vários os factores que o podem levar ao fracasso; todavia, o que nos interessa agora focar é aquele proveniente da falta de aplicação do sistema de patrulhas, cujas causas E. E. Reynolds enumera: o excesso de autoridade, que inibe o chefe de a repartir com os seus colaboradores; repugnância em dar responsabilidade ao rapaz, por descrença nas suas faculdades; falta de percepção do alcance do sistema; hesitação na experiência do método; pouca identificação pessoal com este sistema de trabalho.

São estas as causas principais que impedem o advento do sistema de patrulhas num grupo de escoteiros e, como tal, as que propiciam a sua ineficácia.

Poderá alguém pôr reticências no papel preponderante do sistema de patrulhas como método educativo. A observações desta natureza podem-se opor não só os resultados obtidos da sua experiência prática, como, sobretudo, o facto dele ir de encontro às tendências naturais do adolescente, satisfazendo-lhe o espírito gregário que manifesta e os sentimentos de responsabilidade e de idealismo, os quais se transformam em poderosos motores de modulação do carácter.

Sistema de patrulhas significa, por conseguinte, êxito no desenvolvimento no bom sentido da vocação natural do rapaz e é este o segredo dos belos resultados alcançados pelo Movimento.

JOEL RIBEIRO

A cerimónia de encerramento

dos cursos de D. C. T. de Escoteiros de Portugal

Para encerramento dos cursos de D. C. T. destinados aos escoteiros, que funcionaram na sede da A. E. P., realizou-se no passado dia 13 de Outubro uma sessão solene, em que foram distribuídos diplomas aos escoteiros que se classificaram com aprovação nesses cursos.

Presidiu o general Valente de Carvalho, comandante-geral da Legião Portuguesa, secretariado pelos srs. brigadeiro Augusto de Freitas, comandante da D. C. T.; comandante Henrique Tenreiro, presidente da direcção dos Escoteiros de Portugal; comodoro Duarte Silva, escoteiro-chefe geral; tenente-coronel Pereira da Conceição, chefe do Estado-Maior da Legião Portuguesa e coronel Carlos de Chaby, comandante distrital deste organismo.

Aberta a sessão, o sr. com. Duarte Silva referiu-se ao significado da reunião e agradeceu a presença daquelas individualidades e a colaboração da L. P. na realização daqueles cursos.

O sr. tenente-coronel Pereira da Conceição usou da palavra a seguir, fazendo uma completa exposição das finalidades da D. C. T. e salientou que as finalidades desta organização se harmonizam muito bem com o carácter altruísta do escotismo.

O sr. general Valente de Carvalho fez seguidamente a entrega dos respectivos diplomas a mais de uma centena de escoteiros, em que se contam alguns instrutores gerais e especializados.

Depois desta distribuição de diplomas, falou o sr. com. Tenreiro para agradecer a presença daquelas personalidades e felicitar o sr. tenente-coronel Conceição pelo brilho do seu improviso. Terminou, afirmando que os escoteiros ali presentes estavam honrando o seu lema: «Sempre Pronto».

Depois do sr. General ter dado a cerimónia por terminada, foram exibidos alguns filmes sobre a actuação de elementos da D. C. T. em caso de sinistro e diversos documentários culturais.

TOPOGRAFIA

Para utilidade dos escoteiros damos algumas fórmulas que os auxiliará a resolver a maioria dos problemas que se lhes deparam em campo.

Cálculo de superfícies

Rectângulo = Sup. = $a \times b$
a = altura
b = base

Paralelogramo = Sup. = $a \times b$
a = altura
b = base

Triângulo = Sup. = $\frac{b \times a}{2}$
b = base
a = altura

Trapézio = Sup. = $\frac{B+b}{2} \times a$
B = a base superior
b = » » inferior
a = altura

Polígono regular = Sup. = $\frac{P}{2} \times a$
P = perímetro
a = apótema

Valores indicados:

Perímetro é o valor que se obtém multiplicando o diâmetro de qualquer circunferência por 3,14 16 (que é o valor de π, letra grega).

Apótema é a linha que une o centro de qualquer polígono ao centro dum dos seus lados.

Perímetro da circunferência

$C = \pi \times D$ $\quad \pi = 3{,}1416$, D = diâmetro

Áreas

Área do círculo

$S = \pi r^2$ $\quad \pi = 3{,}1416$, r = raio

(nota) r^2, ou raio ao quadrado, é o valor que se obtém multiplicando r por si mesmo.
Exemplo: $r^2 = 4^2 = 4 \times 4 = 16$

Sector circular

$$s = \frac{n^o \times \pi\ r^2}{360^o}$$

n^o = graus do arco do sector
r = raio

Elipse

$s = \pi\ a\ b$
(a) = horizontal
b = semidiâmetro perpendicular
$\pi = 3{,}1416$
(a) = semidiâmetro maior
(b) = semidiâmetro menor

Volumes

Paralelipípedo rectângulo

$V = c \times l \times a$ { c = comprimento, v = volume, l = largura, a = altura

Prisma

$V = b \times a$ { v = volume, b = base, a = altura

Pirâmide

$$V = \frac{1}{3} S\ a$$

Tronco do prisma

$$V = \frac{1}{3} S \times (a + b + c)$$

Cilindro

$V = \pi\ r^2 \times a$ { $\pi = 3{,}1416$, r^2 = raio ao², a = altura

Cone

$V = \frac{1}{3} \pi\ R^2 \times a$ { $\pi = 3{,}1416$, r^2 = raio ao², a = altura

Tronco de cone

$V = \frac{\pi \times a}{2} (R + r^2 + Rr)$ { $\pi = 3{,}1416$, a = altura, R = Raio do círculo M, r = Raio do círculo men.

Esfera

$$V = \frac{4}{3} \pi\ R^3$$

ou

$$V = \frac{1}{6} \pi\ D^3$$

N^3 = é o número que representa que a base entra três vezes como factor.
Exemplo: $4^3 = 4 \times 4 \times 4 = 64$.

Tabela de alguns valores importantes:

π =	3,1416
2π =	6,2832
$\frac{\pi}{2}$ =	1,5708
$\frac{\pi}{3}$ =	1,0472
$\frac{\pi}{4}$ =	0,7854
π^2 =	9,8696
π^3 =	31,0063
$\sqrt{\pi}$ =	1,7725
$\frac{1}{\pi}$ =	0,3183
$1/2\pi$ =	0,1592
$\frac{2}{\pi}$ =	0,6366
$\frac{3}{\pi}$ =	0,9548
$\frac{4}{\pi}$ =	1,1273

Nota = Damos estes valores para auxiliar os escoteiros a resolver os seus problemas, evitando-lhes perda de tempo em efectuar as respectivas operações.

Constantes usuais

$\sqrt{2} = 1{,}4142$	$3\sqrt{2} = 1{,}2599$
$\sqrt{3} = 1{,}7320$	$3\sqrt{3} = 1{,}4422$
$\sqrt{5} = 2{,}2360$	$3\sqrt{5} = 1{,}7099$
$\sqrt{6} = 2{,}4495$	$3\sqrt{6} = 1{,}8171$
$\sqrt{7} = 2{,}6457$	$3\sqrt{7} = 1{,}9129$
$\sqrt{10} = 3{,}16228$	$3\sqrt{10} = 2{,}1544$

Informações importantes para uso da Régua de Milésimos

Dimensões de alguns objectos que com mais frequência servem para avaliação de distâncias.

Árvores

Árvores copadas raras vezes têm menos de 5 m de altura.
Árvores de fruto=5 m.
Choupos=15 a 25 m.

Ora faça o favor de rir...

PEDIDO OPORTUNO

Zèzinho—Mamã dá-me aquele chocolate que comprou hoje?
Mãe—Dou-te sim, meu filho.
Zèzinho—Ainda bem que dá!
Mãe—Estás com tanto apetite?
Zèzinho—Não, é que já o comi...

UM VALENTE

O João travou-se de razões com um companheiro e envolveram-se à pancada. Por um golpe de sorte, conseguiu derrubar o adversário, mas, em vez de lhe bater, deu o caso por terminado.

Um amigo, tendo presenciado a sua atitude, felicitou-o pela sua generosidade, visto que não se bate em quem está derrubado.

João, agradecendo, acrescentou titubeando :—Bem, bem, não foi talvez por isso, é que ele podia levantar-se outra vez...

NA REPARTIÇÃO

Funcionário para o Contínuo apontando uma ponta de cigarro esquecida em cima de uma secretária:—Isto é seu?
Contínuo—*Já se vê que não! Você viu primeiro.*

NO REGRESSO DO CAMPO

Patatenra fez o seu primeiro acampamento. Em casa a Mamã pergunta-lhe o que ele fez e o que viu.—«Vi o homem que faz cavalos! Quando passei pela porta da oficina estava mesmo a acabar um. Estava a pregar a pata traseira».

PRECAUÇÃO

Uma garotinha evacuada para Portugal durante a guerra visitou o nosso excelente Jardim Zoológico. Ficou muito encantada com tudo, mas estranhou os elefantes: «Em Portugal não era preciso usar máscaras contra gases».

Casas

De 1 andar até ao festo do telhado 8 m. de altura. Cada andar a mais.....	3	m. alt.
Nas aldeias, casas pequenas .	5	» »
Portas e janelas de sacada ..	2	» »
Janelas de peito	1	» »
» c/ 1 vidraça	1	» »
» c/ 1 »	1,20	» »

Material de C. Ferro

Locomotiva 4 rodas	7,5	m. comp.º
» c/ tender....	10	» »
» Compound ..	16	» »
Carruag. e vagões vulg.	6, comp.	3 alt.
Chaminé de locomotiva..	1,20	
Postes de discos de sinais	6 a 8	m. alt.

Postes telegráficos

Para 6 fios.....	5 altura
» mais de 6 fios.....	6,5 »
Passagem de obstáculos	2 m. alt.

Distâncias entre postes:

Nas linhas do Estado	80 nas rectas
» » » »	50 » curvas
» » da C. P. Norte e Leste.....	62 nas rectas

Moinhos de Vento

Ferro..... } Alvenaria..... }	12 altura
(Arredores de Lisboa) c/ cúpula	6,5 altura
» » » s/ »	4 »



8—PROVAS DE CLASSES — B) 2.ª classe, por L. B. Fortes. Edição da Editora Brand Limitada. Rio de Janeiro, 1954. 101 págs. Ilustr.

Da autoria do sr. coronel L. B. Fortes, membro prestigioso do Conselho Nacional da União dos Escoteiros do Brasil, do Conselho Interamericano de Escotismo e tendo feito parte do 1.º Grupo Scout de Gilwell Park, é obra dum técnico, como logo se vê.

Se para nós, Escoteiros, nada de verdadeiramente novo nos diz, talvez o mesmo se não possa dizer com relação ao grande público que pegue no livrinho e o leia com cuidado. Mas estas coisas escapam ao grande público, para quem o Escotismo nada significa e muitas vezes lhe merece um sorriso de mofa.

Para nós, Escoteiros, trata-se de mais um livro que pode ser precioso auxiliar do aspirante que queira subir na escala escotista, preparando as suas provas com cuidado, a despeito do que de diferente possa haver, sob certos aspectos, entre o Escotismo brasileiro e o nosso, e que neste livrinho se limita ao conhecimento das espécies vegetais do vasto mundo brasileiro, espécies tão diferentes das nossas, e também aos processos de orientação, que no hemisfério sul são, como se sabe, diversos dos nossos.

Mas pode prestar bons serviços aos nossos Irmãos de Angola e de Moçambique, que vivem em latitudes análogas, havendo até espécies vegetais comuns.

O livrinho encontra-se profusamente ilustrado com elucidativos desenhos do Autor, que muito ajudam à compreensão de certos passos, como por exemplo nos socorros de urgência, na confecção de fogueiras de campo, nos processos de orientação, e em outros de igual importância. Assim, grande parte das espécies vegetais do Brasil são exemplificadas com a silhueta da planta e uma ampliação das respectivas folhas, tal como Baden-Powell fez no seu *Scouting for Boys*.

Escrito conscienciosamente e com conhecimento profundo das matérias nele versadas, estou certo

(Conclui na 7.ª página)

A Voz do Chefe



Cortesia para com as mulheres

Os antigos cavaleiros tinham especial cuidado em serem respeitosos e corteses para com as mulheres.

Sir Nigel Loring, em *The White Campanx*, é o tipo do cavaleiro cortês de outrora. Embora muito baixo e quase cego de um punhado de cal que um inimigo lhe atirara aos olhos no começo da sua carreira, era homem muitíssimo valente, e ao mesmo tempo muito humilde e serviçal.

Mas acima de tudo, respeitava as mulheres, sua esposa era uma dama forte e feia mas ele proclamou sempre a sua virtude e estava pronto a bater-se com todo aquele que o contradissesse. E tratando-se de mulheres pobres, velhas ou novas, era sempre cortês e prestável. E é assim que o escoteiro deve ser.

O rei Artur, autor das leis da cavalaria, era também cortês para com as mulheres. Um dia, uma donzela entrou a correr na sua corte, bradando por socorro. Trazia o cabelo desgrenhado e sujo de lama, os braços rasgados por espinhos e os vestidos em farrapos. Contou que fora maltratada por um bando de malfeitores que assolavam o país, fazendo quanto mal podiam. Ouvindo isto, o rei Artur saltou para o seu cavalo, partiu a galope para a cova dos ladrões e, com risco da própria vida, atacou-os e desbaratou-os, e nunca mais molestaram a sua gente.

Acompanhando uma dama ou uma criança, o escoteiro dá-lhe sempre a esquerda, para ficar com o braço direito livre para a proteger. Esta regra é outra andando na rua—o homem caminha então do lado do trânsito, para a proteger de um desastre ou da lama.

Encontrando uma mulher ou uma criança, um homem naturalmente dá-lhe passagem, mesmo que tenha de descer abaixo do passeio.

E num autocarro ou compartimento de comboio apinhado, nenhum homem digno desse nome permitirá que uma mulher vá de pé tendo ele lugar sentado. Cedê-lo-á logo à mulher e ficará de pé. Como escoteiro deves dar exemplo neste ponto, sendo o primeiro a proceder assim. E fá-lo alegremente, a sorrir, de maneira que ela não possa julgar que te custa o sacrifício.

Na rua, procura sempre ocasião de auxiliar mulheres e crianças. A melhor oportunidade surge quando pretendem atravessar uma rua, orientar-se, ou tomar um carro ou autocarro. Se as vires, corre em seu auxílio, e não aceites recompensa.

Outro dia vi um rapaz a ajudar uma senhora a apear-se de uma carruagem; e quando ele fechava a porta, ela voltou-se para o gratificar, mas ele levantou a mão ao boné e disse sorrindo; «Não, minha senhora, obrigado; não fiz mais que o meu dever», e afastou-se. Vendo isto, fui-lhe apertar a mão, porque reconheci que, embora o não tivessem ensinado, o rapaz era escoteiro nato.

Quem dera que fosse cada vez maior o número de rapazes assim amáveis.

É sabido que em casos de desastre, os homens e os rapazes têm sempre o cuidado de salvarem as mulheres e crianças antes de pensarem em si. Nos naufrágios, é digno de nota verificar com que desvelo se cuida do salvamento das mulheres, crianças e velhos, antes de se salvarem os homens.

A cortesia para com as mulheres deveis praticá-la em todas as circunstâncias. Se estiveres sentado quando uma senhora entra na sala, levanta-te logo e vê se podes ser-lhe prestável antes de te sentares.

Não gastes tempo com uma rapariga com quem não gostarias de ser visto por tua mãe ou irmã. Não namores uma rapariga se não pretendes casar com ela. E não penses em casar se não estás em condições de sustentar mulher e filhos.

BADEN-POWELL

«Escutismo para Rapazes», tradução do Dr. José Francisco dos Santos.



Uma lição de Wilson

Por esta vez quero esquecer-me de que é Coronel, de que foi Director da Repartição Internacional de Escotismo e de que segue ostentando o mais alto cargo honorífico do Escotismo Mundial. Quero por esta vez chamar-lhe Wilson simplesmente, do mesmo modo simples como cito um companheiro de Clã, com o mesmo afecto com que chamo a qualquer irmão escoteiro.

Se ele me lesse, sei que me compreenderia. Porque eu só quero hoje falar de Wilson, o discípulo directo de Baden-Powell; de Wilson, o homem que dedicou uma vida a explicar a todo o mundo a sublime singeleza do Método Escoteiro; de Wilson mestre de Escotismo, do Wilson que soube interpretar e fazer-nos compreender toda a maravilhosa doutrina educativa do Fundador; de Wilson como lição permanente.

Não pretendo escrever um esboço histórico, um ensaio biográfico cujos dados básicos ignoro, porque nem sequer o conheço pessoalmente. Tive uma vez possibilidade de vê-lo pessoalmente quando esteve em Portugal por motivo da reunião de Comissários Internacionais, porém dificuldades da última hora impossibilitaram a minha viagem e com isso o prazer desse conhecimento. Assim só sei o que me têm contado, o que tenho lido e as fotografias que tenho visto. É alguma coisa, porém não é bastante.

De Wilson não me interessa a sua personalidade oficial dentro do nosso Movimento, porque não sou homem dado à admiração dos altos cargos só por si. Interessa-me muito mais a sua forte personalidade escoteira, e sobretudo as suas lições. A maior parte do pouco que sei de Escotismo aprendi lendo coisas por ele escritas.

E hoje quero falar da última lição que Wilson me deu. Lição de vivo exemplo, sem cátedra, sem que realmente pareça lição. O facto já não é recente, porém talvez seja interessante voltar a ele.

Wilson deixou voluntàriamente a Direcção da Repartição Internacional de Escotismo, na plena posse das faculdades físicas e mentais, e com muito poucas palavras explicou a razão da sua decisão. Essa superficial explicação é toda uma lição de Escotismo, a última lição que Wilson me legou.

Em essência disse-nos: «O Escotismo é um assunto de rapazes, de gente nova. Eu já tenho demasiados anos para ser considerado um jovem e devo deixar o meu labor em mãos mais firmes, mais dinâmicas. Dentro de um prazo determinado é preciso que o meu posto seja ocupado por outro com mais faculdades que eu. Deve fazer-se voluntàriamente antes que seja forçoso fazê-lo».

Num mundo cheio de pessoas aferradas como lapas a ocupar cargos e postos para os quais já não estão capacitados—se é que alguma vez o estiveram—a retirada de Wilson consciente e voluntária, é uma grande lição de civismo. Ele, como bom escoteiro, esqueceu-se por completo de si mesmo para pensar ùnicamente no mais conveniente para a Grande Família a que serviu durante tantos anos. Com tempo previne o necessário relevo, logrando uma continuidade de funções suave, normal, sem cortes bruscos. E se o Escotismo Mundial não sentiu a mudança de Director, deve-se essencialmente a que a transmissão de funções pôde fazer-se como um acto mais da sua actuação diária. O que indubitàvelmente não aconteceria se essa transmissão de funções tivesse sido feita debaixo do signo apressado de um caso de força maior.



O Coronel J. S. Wilson, ladeado pelos secretários das relações internacionais do C. N. E. e da A. E. P., respectivamente srs. Vítor de Lima e Santos e Eng.º José Maria Nobre Santos, por ocasião da sua visita a Portugal citada por E. Genovés.

Essa é a última lição que Wilson como Director me deu. Vale a pena recordá-la e tê-la presente no momento oportuno. Eu, um modesto e desconhecido escoteiro, quero render-lhe daqui o meu tributo de admiração e o meu profundo agradecimento por esta e por quantas lições dele recebi.

ENRIQUE GENOVÉS
OJO DE LINCE

★ ● ★

O «SEMPRE PRONTO» E A REVISTA «ALERTA!»
VENDEM-SE NA
TABACARIA BOA-HORA
Rua Nova do Almada, 46 — LISBOA
TABACARIA CAMPOS
Campo dos Mártires da Pátria, 119-LISBOA

Um problema difícil

O João, como dissemos, tinha ficado atrapalhado com o problema proposto pelo Carlos.

Foi para casa muito pensativo, e aí pôs-se a fazer as mais complicadas operações aritméticas, mas... nada! Não havia maneira de encontrar o fio da meada.

No outro dia, no caminho para a escola, lembrou-se outra vez desse quebra-cabeças. Como é que ele iria resolver aquela charada?

Mas às duas por três, fez-se luz no seu espírito.

—Eureka!—gritou ele—parece que descobri.

E afinal tinha encontrado a solução. Aquilo era como o ovo de Colombo: parecia muito complicado, mas era facílimo.

Quando a «Veado» reuniu, todos aguardavam a resposta do João.

—Confesso que, a princípio, deixou-me muito embaraçado,—disse ele ao Carlos quando o momento desejado chegou.

E então explicou a resolução:

—Se o avião levantava voo às 14 e 20 minutos e o comboio chegava ao Porto às 18 horas, evidentemente que o avião voou durante 3 horas e 40 minutos, ou sejam, reduzido a incomplexo, 220 minutos. Ora, o avião voava a 320 km. à hora, ou sejam em 60 minutos, assim temos a seguinte proporção:

E o João escreveu no quadro negro da sede:

60 m. — 320 km.
220 m. — x »

$$x = \frac{220 \times 320}{60} = 1.173{,}333 \text{ km.}$$

—O avião percorreu, pois, cerca de 1.173 Km.—terminou ele.

O Carlos concordou com a solução do problema. Realmente estava bem resolvido.

Qual será agora a atitude do João?

* * *

Para a resolução deste problema pelo João muito concorreu o auxílio prestado por alguns dos nossos amigos escoteiros. São eles o Vítor Venâncio de Jesus e o Carlos Silva Bentes, de Olhão, Manuel A. Couto da Silva Cruz e o João Margarido da Luz Pinto dos Reis, ambos de Vila Nova de Gaia, que vão receber a lembrança prometida.

Os escoteiros Albertino Nunes Gabriel, de Olhão, e João Luís Pereira Guedes, de Guimarães, *quase* acertavam na solução, e não acertaram mesmo porque se esqueceram de que a contagem de horas e minutos não se faz segundo o sistema decimal, isto é, a hora não tem 100 mas 60 minutos. Assim o resultado está errado. Paciência, ficará para outra vez, não é verdade?

A Toca do Rato Sábio

(Conclusão da 6.ª página)

de que muito nele terão que aprender não só os Escoteiros da 2.ª classe mas até os próprios Chefes, constituindo assim uma valiosa achega para a biblioteca escotista luso-brasileira.

E foi tudo, prezado Camarada, quanto eu pude por agora «roer» ...

O RATO SÁBIO

N. da R.—Nesta Secção publicaremos a crítica de obras literárias, mesmo sem carácter escotista, de que nos sejam enviados dois exemplares.



O Alfaiate e o Melro

Um conto de
Loreto Azpeitia L. Ayala

Era uma vez um alfaiate muito pobre, mesmo muito pobre, e muito supersticioso, mesmo muito supersticioso, que tinha uma família de sete filhos e não sabia como arranjar-se para dar de comer a tanta gente. Levantava-se ao nascer do sol e sentava-se à porta de sua casa com a agulha, o dedal e as tesouras à espera de que viesse alguém encomendar-lhe um capote ou um fato ou, enfim, outra coisa qualquer que estivesse dentro do seu ofício.

Um dia, quando já cansado de esperar em vão os possíveis clientes, se dispunha a deixar a sua cadeirinha, a agulha, o dedal e as tesouras, veio a sua mulher contar-lhe o que tinha sonhado naquela noite.

—Zamarrón—assim se chamava o alfaiate—esta noite sonhei que havia pousado um melro na tua cabeça e que logo a seguir se tinha posto a voar.

—Ai de mim!—gemeu o pobre alfaiate quado ouviu semelhante coisa dos lábios de sua mulher.—Isso quer dizer que estou prestes a perder a minha cabeça. Ai, ai!...

E o infeliz Zamarrón não cessava de chorar e lamentar-se. Depressa se lhe juntaram os sete filhos nas suas lamentações e ainda os seus amigos e vizinhos, fazendo todos tal algazarra com os gritos e soluços, que do Palácio Real, que estava no meio da cidade, mandou o rei um emissário para ver o que tinha acontecido. Com isto, se chegou a convencer de tal maneira o alfaiate de que era chegada a sua última hora que, não sem antes de despedir-se dos seus familiares e devedores, terníssima e tristíssimamente, se decidiu a seguir o emissário do rei.

Quando Zamarrón chegou ao Palácio, todo o povo o seguia em massa, carpindo e chorando em lágrimas desfeitas, inteirados da desgraça do alfaiate.

—Ai, ai, ai! pobre Zamarrón que deixou voar a cabeça e veio um melro e comeu-a... Ai, ai, ai!...—dizia o povo, porque, passando de boca em boca, a história do desgraçado e supersticioso Zamarrón tinha atingido esta versão, o qual, ao encontrar-se aos pés do trono, começou a encomendar a sua alma a Deus.

—És tu,—perguntou-lhe o rei, aguentando a custo o riso, pois, sábio e prudente, havia-se informado de antemão da verdade das coisas, —o desditoso que viu voar a sua cabeça e ser comida por um melro depois?

Quando o desfalecido Zamarrón ouviu semelhantes palavras, compreendeu que o rei queria rir-se da sua insensata superstição. Levantando a vista até ao trono, exclamou:

—Ó Senhor! Não era a minha cabeça que voava, mas sim o melro. E, quanto a comer, a verdade é que antes a minha cabeça o comeria a este, que este a ela, tanta é a necessidade que, não só a minha cabeça, mas também todo o meu corpo, sente quase sempre.

Agradou ao rei a resposta do já recomposto e avisado Zamarrón e, mandando-lhe dar uma bolsa de ouro, fê-lo voltar a sua casa entre os sorrisos e vénias dos cortesãos, não sem primeiro fazê-lo prometer que jamais voltaria a tentar dar significado a um sonho nem a qualquer outro sinal, pois sòmente a Deus é dado saber o caminho dos nossos destinos.

Assim cumpriu o bom do nosso alfaiate e desde aquele dia, adquirida fama e renome, não lhe faltou trabalho com que prover às necessidades da sua numerosa família, a que se chamou, desde então, «a família do melro».

Madrid, Primavera de 1955

LORETO AZPEITIA L. DE AYALA

AVENTURAS DE FIFI

VII



O Fifi ofereceu-se para levar o irmãozinho, quando foi fazer umas compras para a mãe. Mas vejam do que o petiz se havia de lembrar...



Imaginação é uma coisa que não falta ao Fifi (o mesmo acontecesse com o juizo...) Parecia que estava a estudar e afinal preparava esta partida. Mas olhem que dá a impresão que é mesmo um lagarto, não é verdade? Livra!...



Os passageiros estão a protestar e têm razão. Aquilo não é coisa que se leve para dentro do comboio! Que dirá o revisor?



Fifi aproveita estes últimos dias de sol. O certo é que banhos daqueles já não apetecem muito e em especial ao cavalheiro que vai a passar. Porque é que Fifi há-de ser sempre tão desastrado?

